

Apresentação

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Carlos Nolasco

Universidade de Coimbra, Portugal

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Francisco Pinheiro

Universidade de Coimbra, Portugal

Brasil e Portugal mantêm um diálogo acadêmico consolidado, como atesta a expressiva participação de pesquisadores brasileiros em congressos organizados em Portugal, assim como de pesquisadores portugueses em eventos realizados no Brasil. No entanto, no campo dos estudos sobre futebol, essa interlocução ainda carecia de maior impulso e sistematização. O livro que segue busca justamente estreitar essa troca intelectual, tomando como ponto de partida um de nossos pioneiros: Roberto DaMatta, autor do prefácio. DaMatta é uma das maiores referências da antropologia brasileira e, sem dúvida, o pioneiro dos estudos sistemáticos sobre as relações entre futebol e sociedade no Brasil, tendo contribuído decisivamente para legitimar o futebol como objeto relevante das ciências sociais.

Graduado e licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense, com especialização em Antropologia Social pelo Museu Nacional e doutorado pela Universidade de Harvard (Peabody Museum), DaMatta construiu uma trajetória intelectual notável que o levou a ser chefe do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, coordenador do

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, professor emérito da Universidade de Notre Dame (onde ocupou a Cátedra Rev. Edmund Joyce de Antropologia) e, atualmente, professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sua obra não se limita ao futebol, mas abrange pesquisas etnológicas entre os índios Gaviões e Apinayé, bem como investigações sobre rituais e festivais em sociedades industriais. No entanto, é particularmente por meio de seus estudos sobre o futebol que DaMatta desenvolveu uma perspectiva estruturalista inovadora, buscando compreender como o futebol funciona em uma sociedade aristocrática, historicamente avessa à competição e saída do escravismo. Desde os anos 1980, quando editou o volume histórico *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira* (Editora Pinakoteke, 1980), DaMatta tem investigado o futebol não como um fenômeno isolado, mas como um espaço privilegiado de dramatização das estruturas sociais mais profundas. Sua abordagem busca esclarecer o impacto que o esporte tem tido nas sociedades nas quais foi adotado, analisando tanto o ímpeto quanto a rotinização do futebol no Brasil. Além disso, DaMatta foi pioneiro em investigar como rituais e festivais funcionam em sociedades industriais, utilizando o carnaval, a música, a comida, a cidadania, a morte, o jogo do bicho e as categorias de tempo e espaço como lentes para compreender o Brasil como um sistema cultural coerente. Sua presença no Colóquio e a redação do prefácio reafirmam a importância de uma perspectiva histórica e estrutural para os estudos contemporâneos sobre futebol, oferecendo um ponto de ancoragem teórico que dialoga com as pesquisas mais recentes compiladas neste volume.

O encerramento da obra é igualmente notável, com o posfácio de Claudia Fonseca, professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e coordenadora da Anthera – Rede de Pesquisa Internacional sobre Família e Parentesco. A trajetória intelectual de Fonseca, marcada por uma perspectiva interseccional e um compromisso com a inclusão de vozes marginalizadas, oferece um contraste produtivo e complementar à perspectiva estruturalista de DaMatta. Seus interesses de pesquisa incluem tecnologias

de governo, políticas de cuidado, epistemologias feministas, e antropologia da ciência e tecnologia, campos que, embora aparentemente distantes do futebol, oferecem ferramentas analíticas cruciais para compreender como o futebol funciona como um espaço de regulação, cuidado e produção de subjetividades. Fonseca acompanhou integralmente o III Colóquio Internacional, participando ativamente das discussões e reflexões que atravessaram os três países e as múltiplas instituições envolvidas. Junto a DaMatta, ela oferece comentários finais que sintetizam não apenas as transformações observadas nas dinâmicas do futebol, mas também as permanências de estruturas de desigualdade e exclusão. Sua perspectiva feminista e sua atenção às políticas de cuidado trazem dimensões frequentemente ausentes dos estudos tradicionais sobre futebol, ampliando o escopo analítico e reafirmando a importância de uma abordagem verdadeiramente interdisciplinar que reconheça o futebol como um “barômetro de mudança” social, capaz de revelar tanto as transformações quanto as resistências que caracterizam nossas sociedades.

Os doze capítulos que compõem este volume estão organizados em três partes temáticas que dialogam entre si, oferecendo uma visão multifacetada do futebol nas sociedades ibero-americanas e revelando como este fenômeno social articula questões de memória, mobilidade, poder e territorialidade.

A primeira parte, dedicada à historiografia, memória e gênero, revisita criticamente a construção do conhecimento sobre o futebol, tensionando narrativas hegemônicas e resgatando vozes historicamente silenciadas. O capítulo de Francisco Pinheiro, intitulado “‘O país fica futebol’: contributos para uma historiografia”, propõe um alargamento temático da historiografia do futebol português, superando a matriz jornalística e cronológica que tem caracterizado grande parte da escrita histórica. Pinheiro organiza sua análise em eixos temáticos que incluem futebol e política, identidade nacional, cidade e território, clubes e instituições, biografias, corrupção, adeptos, migrações, mídia, gênero e desafios das humanidades digitais, permitindo compreender não apenas o que foi estudado, mas

também quais foram os silêncios persistentes na historiografia portuguesa. O capítulo de Aira F. Bonfim, intitulado “O perigo de uma história única sobre o país do futebol”, problematiza diretamente a narrativa hegemônica do Brasil como “país do futebol”, inspirando-se na crítica de Chimamanda Ngozi Adichie sobre o perigo de uma história única. Bonfim argumenta que a narrativa institucionalizada e masculinizada produziu silenciamentos estruturais, especialmente em relação ao futebol praticado por mulheres, utilizando referenciais da história social, dos estudos de memória e da museologia para analisar como processos de apagamento foram reforçados por práticas arquivísticas excludentes. Ao destacar a digitalização de coleções pessoais, a história oral e o papel do Museu do Futebol (SP), Bonfim demonstra que a ausência nos acervos institucionais não corresponde à inexistência de experiências, propondo a ampliação da narrativa histórica como estratégia de reparação de gênero e democratização da memória. O capítulo de Marcelo Continelli, intitulado “Narrativas em jogo: a produção da memória coletiva no futebol brasileiro”, discute o futebol como um dos principais organizadores de memórias, identidades e experiências coletivas no Brasil. Continelli argumenta como o esporte estrutura repertórios compartilhados que mobilizam emoções, pertencimentos e formas de sociabilidade expressas em rituais, símbolos e práticas de torcedores. A análise enfatiza o papel central da mídia na ampliação da visibilidade de acontecimentos e na consolidação de ídolos que passam a integrar o imaginário social, bem como examina como o Museu do Futebol atua na mediação dessas memórias, ativando lembranças individuais e coletivas ao longo do percurso expositivo. Particularmente relevante é a observação de Continelli sobre como a memória do futebol brasileiro se torna mais plural ao incorporar trajetórias antes marginalizadas, como o futebol feminino e o futebol de várzea, contribuindo para um cenário de narrativas em disputa. O capítulo de Lóry da Silveira Ribeiro e Luiz Carlos Rigo, intitulado “Futebol e a produção da subjetividade de jovens trans em situação de acolhimento”, apresenta uma etnografia sensível e inovadora sobre como o futebol e o lazer atuam na sociabilidade e na produção de subjetividade de

jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional em Pelotas (RS). Situando-se no contexto das reconfigurações das instituições de acolhimento brasileiras e seguindo princípios da perspectiva etnográfica contemporânea de Wacquant, o estudo problematiza questões de transfobia e passabilidade, concluindo que as práticas esportivas e o futebol ocupam um lugar de destaque na sociabilidade e na produção de subjetividade dos jovens trans, oferecendo espaços de pertencimento e agência em contextos frequentemente marcados pela exclusão e pela violência. O capítulo de Caroline Soares Almeida, intitulado “Da proibição à pesquisa: outros caminhos para estudar mulheres no futebol brasileiro”, inova metodologicamente ao utilizar um conjunto documental pouco explorado: processos da Divisão de Censura de Diversões Públicas. Investigando documentos de censura sobre músicas, programas humorísticos e outras produções culturais, Almeida revela disputas simbólicas em torno da presença de mulheres no futebol entre 1941 e 1979. O material evidencia um padrão recorrente: representações que conferiam protagonismo esportivo às mulheres eram frequentemente vetadas, enquanto narrativas ridicularizantes circulavam com maior facilidade. Esta análise contribui significativamente para ampliar o repertório metodológico das pesquisas sobre futebol, gênero e cultura no Brasil, demonstrando como arquivos de censura podem revelar não apenas mecanismos institucionais de controle, mas também os regimes de visibilidade que moldaram a trajetória do futebol de mulheres. A primeira parte, assim, oferece uma reflexão profunda sobre como o conhecimento sobre o futebol é produzido, circula e é preservado, reconhecendo que a história do futebol não é uma história neutra, mas um campo atravessado por relações de poder que privilegiam certas narrativas em detrimento de outras.

A segunda parte da obra, dedicada à migração, mobilidade e racismo, aborda as dinâmicas globais de circulação de atletas e as estruturas persistentes de desigualdade, racismo e preconceito que marcam o futebol internacional. O capítulo de Carlos Nolasco, intitulado “Mobilidade, precariedade e desigualdade no futebol global”, analisa a migração internacional

de trabalho desportivo como um campo privilegiado de observação das desigualdades que estruturam a globalização contemporânea. Nolasco contrasta a imagem glamorosa dos atletas de elite que circulam mediaticamente com os circuitos migratórios de atletas em situação de grande vulnerabilidade, argumentando que a circulação profissional regulada e visível convive com trajetórias aspiracionais marcadas pela informalidade, vulnerabilidade jurídica e elevado risco de fracasso. Estas duas dimensões não são opostas, mas complementares, integrando uma mesma dinâmica de mobilidade que proporciona oportunidades, direitos e riscos de forma assimétrica entre centros, periferias e semiperiferias. A análise do futebol português e da mobilidade de jovens jogadores africanos evidencia o papel estratégico de Portugal enquanto plataforma intermédia de valorização e redistribuição de atletas, revelando dinâmicas contemporâneas de colonialidade e economia política global que reproduzem as hierarquias históricas entre o Norte e o Sul global. O capítulo de José Hildo de Oliveira Filho, intitulado “Lesões, migração esportiva e racismo: o caso de atletas brasileiros”, investiga a interseção entre lesões, migração e racismo na trajetória de atletas brasileiros. Partindo de uma discussão sobre como “raça” figura nos debates sobre futebol e nacionalidade no Brasil, Oliveira Filho questiona as narrativas clássicas de Gilberto Freyre, argumentando que as lesões abrem a possibilidade para questionar como o racismo está presente na vida de atletas brasileiros migrantes. Através da análise de histórias de lesões de atletas brasileiros na República Tcheca, o autor demonstra que as lesões não são meramente fatos biológicos, mas eventos sociais marcados por relações de poder. O capítulo também analisa o papel de Portugal nos futuros estudos de migração de atletas brasileiros profissionais, contribuindo para uma compreensão mais complexa das dinâmicas de mobilidade no futebol que reconheça como o corpo do atleta é um corpo racializado, sujeito a diferentes formas de violência e exploração. O capítulo de António Pinto, Pedro Amorim e Ricardo Ferreira, intitulado “As provas desportivas na integração do Ultramar português: perspetivas nos casos do futebol, basquetebol e hóquei em patins”, explora o intercâmbio esportivo entre a metrópole e

o Ultramar português durante o Estado Novo. Os autores analisam como a Lei 2083, promulgada em meados da década de 1950, fomentou e intensificou esse intercâmbio. Enquanto o futebol nunca chegou a uma inclusão concretizada, as outras modalidades (basquetebol feminino e hóquei em patins) viram seus praticantes do Ultramar sobreporem-se à metrópole, num contexto de dificuldades financeiras advindas do cenário de guerra que pautou o final do Estado Novo. Este capítulo oferece uma perspectiva histórica importante sobre as complexidades da integração esportiva em contextos coloniais, revelando como o esporte funcionou simultaneamente como um mecanismo de integração imperial e como um espaço de resistência e agência dos atletas colonizados. O capítulo de Antonio Jorge Gonçalves Soares e Bruno Otávio de Lacerda Abrahão, intitulado “Futebol e racismo: mobilidade e castas nas sociedades de classe”, analisa episódios contemporâneos de racismo no futebol envolvendo jogadores brasileiros – Grafite, Daniel Alves e Vinícius Júnior – interpretando-os como expressões de uma gramática racial persistente nas sociedades de classe. Os autores argumentam que tais agressões não se reduzem a provocações esportivas, mas operam como mecanismos simbólicos de reinscrição hierárquica, aproximando-se metaforicamente da lógica de castas. Mesmo em um campo regulado por princípios formais de igualdade, como o futebol, a mobilidade econômica e o reconhecimento midiático não eliminam a vulnerabilidade de jogadores negros à deslegitimação racial. O texto sustenta que a tensão entre redistribuição e reconhecimento evidencia a permanência de desigualdades de status, confirmando que o racismo no futebol integra dinâmicas mais amplas de hierarquização racial e nacional no mundo contemporâneo. Esta segunda parte, portanto, oferece uma análise crítica de como o futebol, enquanto espaço de mobilidade social, reproduz e, simultaneamente, expõe as hierarquias que estruturam o mundo capitalista contemporâneo, marcado por legados coloniais e estruturas de racismo que persistem apesar dos discursos de igualdade formal.

A terceira e última parte da obra, dedicada aos estádios, torcidas e território, foca na dimensão espacial e territorial do futebol, explorando

como os estádios, as torcidas e os campos de várzea funcionam como lugares de pertencimento, sociabilidade e construção de identidades. O capítulo de Daniel Seabra, intitulado “O percurso das claques em Portugal: da espontaneidade à crise de identidade”, traça a evolução histórica das claques – equivalentes portugueses das torcidas organizadas brasileiras – desde sua origem espontânea após a ditadura até os desafios atuais. Seabra analisa como as claques surgiram em 1976 pela influência do Movimento Ultra italiano e das torcidas brasileiras, evoluindo para modelos organizacionais mais complexos com a profissionalização das lideranças. A tragédia do *Very Light* em 1996 teve um impacto devastador, levando a uma resposta legislativa do Estado português que, combinada com a profissionalização das lideranças, criou condições para a fragmentação dos grupos. O capítulo examina como o crescimento do estilo *Casual* e o afastamento de membros históricos das claques levaram à degradação da qualidade artística do apoio aos clubes e à incerteza quanto à preservação dos valores fundacionais do Movimento Ultra português. Este capítulo oferece uma reflexão importante sobre como as práticas de torcedores são moldadas por contextos históricos, legislativos e econômicos, e como a profissionalização e a repressão estatal transformam as formas de expressão e pertencimento.

O capítulo de Guilherme da Silva Magalhães e Fábio Machado Pinto, intitulado “O sentido da experiência da visita aos três maiores estádios de Futebol em Portugal”, oferece um relato etnográfico e reflexivo da experiência de visita aos três maiores estádios de Portugal durante o Colóquio. Os autores descrevem aspectos estruturais, históricos e culturais desses espaços, destacando elementos que os tornam relevantes no cenário esportivo português. O capítulo discute como cada estádio expressa identidades locais, tradições e diferentes formas de organização do espetáculo futebolístico, oferecendo um olhar contextualizado sobre a relação entre arquitetura, memória esportiva e cultura do futebol. Os estádios são compreendidos não como estruturas neutras, mas como espaços que condensam histórias, disputas e formas de estar juntos que caracterizam as comunidades que os habitam. O capítulo de Andriel Coutinho de Moraes,

George Ivan da Silva Holanda e Ari Lazzarotti Filho, intitulado “Quando o campo de futebol se torna lugar: experiência, território e futebol de várzea em Goiânia (GO)”, analisa a Copa CEPRO, competição de futebol de várzea realizada no Campo do Muranga na Vila Redenção em Goiânia. Os autores tomam a Copa como chave interpretativa para compreender a produção social do urbano. Sustentam que o futebol de várzea opera como espaço de sociabilidade, pertencimento e construção de sentidos no cotidiano do bairro. O campo de futebol é compreendido como lugar vivido, constituído pela experiência consolidada nas práticas corporais e pela temporalidade compartilhada que organiza a vida local. A Copa, enquanto competição varzeana, estrutura ritmos coletivos e expectativas anuais, integrando o futebol à rotina comunitária e consolidando o Campo do Muranga como referência simbólica. Elementos como a apropriação da infraestrutura, os nomes das equipes, os patrocínios locais e a circulação de imagens ampliam a visibilidade do evento e reforçam sua complexidade sociocultural. Esta terceira parte, portanto, oferece uma reflexão profunda sobre como o futebol, através de seus espaços e práticas, produz territorialidades, identidades e formas de estar no mundo que são fundamentais para a vida urbana e comunitária.

Este volume, assim, representa um esforço coletivo significativo para aprofundar a compreensão do futebol como fenômeno social totalizante nas sociedades ibero-americanas. Sob a orientação intelectual de Roberto DaMatta e Claudia Fonseca, cujas perspectivas estruturalista e feminista oferecem um diálogo produtivo sobre as transformações e permanências do futebol como espaço de dramatização social, e sob a organização de Carmen Rial, Fábio Machado Pinto, Carlos Nolasco e Francisco Pinheiro, a obra oferece perspectivas inovadoras que articulam história, antropologia, sociologia, educação, comunicação e estudos de gênero. A coletânea reconhece que o futebol não é um objeto isolado de análise, mas um fenômeno que articula questões de memória e esquecimento, mobilidade e enraizamento, igualdade formal e desigualdade substantiva, pertencimento e exclusão. Esperamos que esta coletânea contribua significativamente

para os estudos ibero-americanos sobre futebol e inspire futuras pesquisas que continuem desvendando as complexidades deste fenômeno que, como bem observou Roberto DaMatta, dramatiza as estruturas mais profundas de nossas sociedades, revelando tanto as possibilidades quanto os limites de transformação social.

A publicação de “O futebol visto pelas ciências humanas: estudos e perspectivas ibero-americanas” como quinto volume da *Série Futebol: Cultura, Política e Sociedade* pela Editora da Associação Brasileira de Antropologia (com Selo ABA), sob organização do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol – CNPq), marca um momento crucial na consolidação de um campo de estudos que transcende fronteiras nacionais e disciplinares. Esta coletânea representa não apenas uma compilação de pesquisas, mas uma intervenção teórica e metodológica que posiciona o futebol como um objeto privilegiado para a compreensão das dinâmicas sociais, culturais, políticas e humanas que caracterizam as sociedades ibero-americanas contemporâneas. Organizada por Carmen Rial (Universidade Federal de Santa Catarina), Fábio Machado Pinto (Universidade Federal de Pelotas), Carlos Nolasco e Francisco Pinheiro (ambos da Universidade de Coimbra), a obra emerge de um processo coletivo de reflexão que atravessou geografias, instituições e gerações de pesquisadores. O III Colóquio Internacional do INCT Futebol, realizado entre 29 de setembro e 2 de outubro de 2025, nas cidades de Lisboa, Coimbra e Porto, em Portugal, constituiu o espaço de gestação desta coletânea. O evento, que se desdobrou em múltiplos locais – o Museu do S. L. Benfica – Cosme Damião, a Cidade do Futebol, a Universidade de Coimbra e a Universidade Fernando Pessoa – não foi meramente um encontro acadêmico, mas uma experiência de imersão em espaços que condensam a história, a memória e as disputas simbólicas em torno do futebol. A escolha de Portugal como sede reflete a importância crescente de perspectivas que dialoguem criticamente com as experiências ibéricas e ibero-americanas, reconhecendo que o futebol, enquanto fenômeno social, articula histórias coloniais, processos de modernização, dinâmicas de migração e estruturas de desigualdade

que demandam análises situadas e comparativas. O Colóquio foi organizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro (INCT/CNPq), pela CEIS20 (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX) e pelo CES (Centro de Estudos Sociais) da Universidade de Coimbra, instituições que compartilham um compromisso com a produção de conhecimento crítico e engajado.

A rede de apoio institucional que sustentou o evento evidencia a amplitude e a relevância do campo de estudos sobre futebol. A Direção do Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, a Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPeL) do Brasil, a Federação Portuguesa de Futebol, o Grupo História e Desporto (GHD) de Portugal, o Museu do Futebol de São Paulo, o Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC), o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC), o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSC), o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC) e a Universidade Fernando Pessoa – Observatório da Violência Associada ao Desporto constituem uma rede que ultrapassa as fronteiras entre o acadêmico e o institucional, entre o Brasil, Portugal, Uruguai e Espanha. Esta configuração reflete uma compreensão de que a pesquisa sobre futebol não pode ser dissociada das instituições que o administram, dos museus que preservam sua memória, das universidades que formam pesquisadores, e das comunidades que vivenciam o futebol em suas múltiplas dimensões.

A obra coletiva que aqui se apresenta persegue objetivos que vão além da mera compilação de artigos. Busca-se promover a socialização de estudos e pesquisas que, de outra forma, permaneceriam dispersos em diferentes contextos institucionais e geográficos. Mais fundamentalmente, pretende-se aprofundar a reflexão crítica sobre as questões sociais, culturais e esportivas relacionadas ao futebol, reconhecendo que este fenômeno não é um objeto neutro de análise, mas um campo atravessado por relações de poder, disputas de sentido e processos de exclusão e inclusão. Ao produzir este volume interdisciplinar, intergeracional e intercultural,

o INCT Futebol reafirma seu compromisso em estreitar as relações entre instituições e grupos de pesquisa do Brasil, Portugal, Uruguai e Espanha, proporcionando espaços de formação para jovens investigadores e fomentando a interação significativa com as comunidades que se ocupam do futebol em suas diferentes dimensões. O futebol, nesta perspectiva, não é compreendido meramente como um esporte ou um entretenimento, mas como um fenômeno social totalizante que atravessa questões de identidade nacional, gênero, raça, classe, território, memória e poder. As ciências sociais e humanas, em suas múltiplas abordagens – antropológica, histórica, sociológica, educacional, comunicacional – oferecem ferramentas analíticas fundamentais para desvendar as complexidades e as contradições que permeiam este universo.